



For immediate release – 19 April 2025

Statement from UJR-AmLat leadership

[Portuguese and Spanish versions below]

As Reform Jews and leaders of the Reform movement in Latin America, we receive this text with deep sorrow — but also with the strength of those who carry centuries of history, tradition, and commitment to the Jewish people. Joshua Hoffman’s article is not constructive criticism: it is a violent, polarizing, dishonest, and reductionist attack on the world’s largest Jewish religious movement, which for over two centuries has pursued exactly what he accuses us of abandoning — the balance between continuity and renewal.

Reform Judaism has not betrayed the Jewish people. We are a vital part of that people. We are present in synagogues, in the streets of Tel Aviv and Sderot, in the kibbutzim that were attacked on October 7th, in Israel’s defense committees, in the homes of those who proudly hang a mezuzah on their doorposts — from Buenos Aires to Shanghai, from Melbourne to Los Angeles, from Haifa to Eilat. We are educating, fighting antisemitism, building bridges — and also, without hesitation, defending Israel’s right to exist in peace and security. Reform Judaism is not something isolated or detached from the Jewish world — we are in the midst of Passover and about to welcome Shabbat. Thousands of Reform synagogues and homes are coming together in celebration and religious practice, in customs and traditions that have much more in common than in divergence with other Jewish streams.

Our commitment to human rights, social justice, and dialogue is not weakness — on the contrary, it is part of what has enabled political and social engagement in civil society. It is part of the prophetic ethos of the Jewish people — the one that proclaims “Justice, justice shall you pursue” (Deuteronomy 16:20), and that has always been able to ask not only “What is being done to us?” but also “What are we doing for the world?” Our universalism has never come at the expense of Jewish particularism — rather, it is born from it.

Contrary to what the article suggests, Reform Judaism has not relativized the horror of October 7th. We cried, we shouted, we prayed, and we acted. Our communities around the world mobilized donations, support missions, advocacy campaigns, and political pressure against the rise in antisemitism. Many of our rabbis, youth, and leaders were in Israel in the days following the attacks — not in search of likes on social media, but out of concrete solidarity.

Critical thinking, a Talmudic heritage, is what drives us to debate and disagree, including over how the current Israeli government — and its supporters — act in certain areas. That is a sign of democratic vitality — not of betrayal. What this article calls “progressivism with Hebrew subtitles” is, in truth, the ongoing effort to integrate Jewish values with the challenges of our time — just as our sages have always done.



Reform Judaism is not ashamed of defending minorities, promoting social justice, or seeking peace — all central Jewish values. We are currently celebrating a holiday that calls us to reflect on the importance of welcoming the stranger, on freedom, and on the pursuit of a land where the people of Israel can live in fullness. And we also affirm, unequivocally: we are one with the Jewish people, in Israel and in the Diaspora. We will defend our brothers and sisters, our values, and our dignity, without apologizing for being who we are.

History will not judge us by whether we were the “good Jews” in the eyes of a segment of our people that does not tolerate dissenting thought or refuses to accept any non-blind, non-uncritical support for Israel — but rather, by whether we remained faithful to our covenant with our people and to the millennia-old heritage we carry.

We are here. And we will remain. For Israel. For the Jewish people. For the future.

Flavio Levi Moreira, Miriam Vasserman, Adrian Sucari, and David Britva Beraha

President, Vice Presidents, and Executive Director

Union for Reform Judaism in Latin America

###

Para divulgação imediata – 19 de abril de 2025

Declaração da liderança da UJR-AmLat

Como judeus reformistas e líderes do movimento Reformista na América Latina, recebemos este texto com profunda dor — mas também com a força de quem carrega séculos de história, tradição e compromisso com o povo judeu. O artigo de Joshua Hoffman não é uma crítica construtiva: é um ataque violento, polarizador, desonesto e reducionista ao maior movimento religioso judaico do mundo, que há mais de dois séculos busca exatamente o que ele nos acusa de ter abandonado — o equilíbrio entre continuidade e renovação.

O Judaísmo Reformista não traiu o povo judeu. Somos parte vital desse povo. Estamos presentes nas sinagogas, nas ruas de Tel Aviv e Sderot, nos kibutzim atacados em 7 de outubro, nos comitês de defesa de Israel, nas casas daqueles que orgulhosamente penduram uma mezuzá em suas portas — de Buenos Aires a Xangai, de Melbourne a Los Angeles, de Haifa a Eilat. Estamos educando, combatendo o antissemitismo, construindo pontes — e também, sem hesitação, defendendo o direito de Israel existir em paz e segurança. O Judaísmo Reformista não é algo isolado ou alheio ao mundo judaico — estamos no meio de Pessach e prestes a receber o Shabat. Milhares de sinagogas e lares reformistas se reúnem em celebração e prática religiosa, em costumes e tradições que têm muito mais em comum do que divergem de outras correntes judaicas.

Nosso compromisso com os direitos humanos, justiça social e diálogo não é fraqueza — ao contrário, é parte do que possibilitou o engajamento político e social na sociedade civil. Faz parte do ethos profético do povo judeu — aquele que proclama “Justiça, justiça perseguirás” (Deuteronômio 16:20), e que sempre foi capaz de perguntar não apenas “O que estão fazendo conosco?”, mas também “O que estamos fazendo pelo mundo?”. Nosso universalismo nunca foi em detrimento do particularismo judaico — pelo contrário, nasce dele.

Ao contrário do que sugere o artigo, o Judaísmo Reformista não relativizou o horror de 7 de outubro. Choramos, gritamos, rezamos e agimos. Nossas comunidades ao redor do mundo mobilizaram doações, missões de apoio, campanhas de advocacy e pressão política contra o aumento do antissemitismo. Muitos de nossos rabinos, jovens e lideranças estiveram em Israel nos dias seguintes aos ataques — não em busca de curtidas nas redes sociais, mas por solidariedade concreta.

O pensamento crítico, herança talmúdica, é o que nos move a debater e discordar, inclusive sobre como o atual governo de Israel — e seus apoiadores — atuam em certas áreas. Isso é sinal de vitalidade democrática — não de traição. O que este artigo chama de “progressismo com legendas em hebraico” é, na verdade, o esforço contínuo de integrar os valores judaicos com os desafios do nosso tempo — como nossos sábios sempre fizeram.

O Judaísmo Reformista não se envergonha de defender minorias, promover justiça social ou buscar a paz — todos valores centrais do judaísmo. Estamos atualmente celebrando uma festividade que nos convida a refletir sobre a importância de acolher o estrangeiro, sobre a liberdade e a busca por uma terra onde o povo de Israel possa viver plenamente. E também afirmamos, de forma inequívoca: somos um com o povo judeu, em Israel e na Diáspora. Defenderemos nossos irmãos e irmãs, nossos valores e nossa dignidade, sem pedir desculpas por sermos quem somos.

A história não nos julgará por termos sido os “bons judeus” aos olhos de um segmento do nosso povo que não tolera pensamento dissidente ou que se recusa a aceitar qualquer apoio a Israel que não seja cego e acrítico — mas, sim, por termos permanecido fiéis à nossa aliança com nosso povo e à herança milenar que carregamos.

Estamos aqui. E permaneceremos. Por Israel. Pelo povo judeu. Pelo futuro.

Flavio Levi Moreira, Miriam Vasserman, Adrian Sucari e David Britva Beraha

Presidente, Vice-Presidentes e Diretor Executivo

União do Judaísmo Reformista na América Latina

###

Para publicación inmediata – 19 de abril de 2025

Declaración del liderazgo de UJR-AmLat

Como judíos reformistas y líderes del movimiento Reformista en América Latina, recibimos este texto con profundo dolor —pero también con la fuerza de quienes llevan siglos de historia, tradición y compromiso con el pueblo judío. El artículo de Joshua Hoffman no es una crítica constructiva: es un ataque violento, polarizador, deshonesto y reduccionista contra el mayor movimiento religioso judío del mundo, que durante más de dos siglos ha perseguido exactamente lo que se nos acusa de haber abandonado: el equilibrio entre continuidad y renovación.

El Judaísmo Reformista no ha traicionado al pueblo judío. Somos una parte vital de ese pueblo. Estamos presentes en sinagogas, en las calles de Tel Aviv y Sderot, en los kibutzim atacados el 7 de octubre, en los comités de defensa de Israel, en los hogares de quienes orgullosamente cuelgan una mezuzá en sus puertas —desde Buenos Aires hasta Shanghái, desde Melbourne hasta Los Ángeles, desde Haifa hasta Eilat. Educamos, luchamos contra el antisemitismo, construimos puentes —y también, sin dudarlo, defendemos el derecho de Israel a existir en paz y seguridad. El Judaísmo Reformista no es algo aislado o ajeno al mundo judío —estamos en medio de Pesaj y a punto de recibir el Shabat. Miles de sinagogas y hogares reformistas se reúnen en celebración y práctica religiosa, en costumbres y tradiciones que tienen mucho más en común que en divergencia con otras corrientes judías.

Nuestro compromiso con los derechos humanos, la justicia social y el diálogo no es debilidad —al contrario, es parte de lo que ha permitido el compromiso político y social en la sociedad civil. Es parte del ethos profético del pueblo judío —el que proclama “Justicia, justicia perseguirás” (Deuteronomio 16:20), y que siempre ha sabido preguntarse no solo “¿Qué nos están haciendo?”, sino también “¿Qué estamos haciendo por el mundo?”. Nuestro universalismo nunca ha sido a costa del particularismo judío —más bien, nace de él.

Contrario a lo que sugiere el artículo, el Judaísmo Reformista no ha relativizado el horror del 7 de octubre. Lloramos, gritamos, rezamos y actuamos. Nuestras comunidades alrededor del mundo movilizaron donaciones, misiones de apoyo, campañas de incidencia política y presión contra el aumento del antisemitismo. Muchos de nuestros rabinos, jóvenes y líderes estuvieron en Israel en los días posteriores a los ataques —no en busca de “me gusta” en redes sociales, sino por solidaridad concreta.

El pensamiento crítico, herencia talmúdica, es lo que nos impulsa a debatir y disentir, incluso sobre cómo actúa el actual gobierno israelí —y sus partidarios— en ciertas áreas. Eso es una señal de vitalidad democrática —no de traición. Lo que este artículo llama “progresismo con subtítulos en hebreo” es, en verdad, el esfuerzo constante por integrar los valores judíos con los desafíos de nuestro tiempo —tal como siempre hicieron nuestros sabios.



El Judaísmo Reformista no se avergüenza de defender a las minorías, promover la justicia social o buscar la paz —todos valores centrales del judaísmo. Actualmente celebramos una festividad que nos llama a reflexionar sobre la importancia de acoger al extranjero, sobre la libertad y la búsqueda de una tierra donde el pueblo de Israel pueda vivir con plenitud. Y también afirmamos, sin ambigüedades: somos uno con el pueblo judío, en Israel y en la Diáspora. Defenderemos a nuestros hermanos y hermanas, nuestros valores y nuestra dignidad, sin pedir disculpas por ser quienes somos.

La historia no nos juzgará por haber sido los “judíos buenos” a los ojos de un segmento de nuestro pueblo que no tolera el pensamiento disidente ni acepta ningún apoyo a Israel que no sea ciego y acrítico —sino por haber permanecido fieles a nuestra alianza con nuestro pueblo y a la herencia milenaria que portamos.

Estamos aquí. Y permaneceremos. Por Israel. Por el pueblo judío. Por el futuro.

Flavio Levi Moreira, Miriam Vasserman, Adrian Sucari y David Britva Beraha

Presidente, Vicepresidentes y Director Ejecutivo

Unión del Judaísmo Reformista en América Latina

###